

Os gregos da Sicília – a Numismática e a História*

Neville Keith Rutter**

RUTTER, N.K. Os gregos da Sicília – a Numismática e a História. *R. Museu Arq. Etn.*, São Paulo, n. 21, p. 345-356, 2011.

Resumo: Este artigo objetiva apresentar o potencial do documento monetário para o estudo da história da Sicília grega. A partir da análise da epigrafia e da iconografia em moedas cunhadas em póleis da Sicília em época clássica discutir-se-á como em contexto siceliota a moeda foi utilizada como suporte e veículo de competição artística, como se mostrará com o caso dos gravadores-assinantes de cunhos – fenômeno local –, e de expressão de identidade poliade, siceliota e também grega. A interação dos gregos com povos não-gregos na ilha será também abordada a partir do caso dos tipos monetários de Segesta.

Palavras-chave: Sicília – Epigrafia – Iconografia monetária.

Introdução

A Sicília é uma grande ilha, cuja presença central no Mediterrâneo e riqueza agrícola atraiu, ao longo da história, invasores e colonos: gregos, cartagineses, romanos, árabes e outros. Os gregos estabeleceram-se no litoral da ilha a partir do final do século VIII a.C.¹ e foi somente cerca de duzentos anos mais tarde que algumas das suas comunidades começaram a emitir moeda. Em vários momentos a partir do século V a.C. a maior parte das cidades assim o fez. As moedas batidas nesse período são bem conhecidas pela qualidade artística, sendo algumas já descritas como as mais belas jamais cunhadas.

Neste artigo quero ilustrar, de uma maneira geral, a partir de três tópicos, como as moedas podem contribuir para a nossa compreensão da história da Sicília grega. No primeiro tópico, apresentarei o trabalho de alguns dos gravadores de cunhos, um tema que diz respeito à história de arte. No segundo, a partir de algumas imagens (tipos) nas moedas levantarei questões sobre a escolha de determinadas representações com a intenção de mostrar como a evidência numismática se relaciona frequentemente com outras fontes de informação, como os testemunhos literários, fundamentando, assim, conclusões fascinantes sobre a história social dos antigos gregos no contexto da colonização grega à Ocidente. E finalmente, no terceiro e último tópico, abordarei um aspecto da história cultural mostrando como o costume de bater moedas foi adotado também pelos não gregos, embora a cunhagem de moedas tenha sido introduzida na Sicília pelos gregos. Assim, por contraste, mostrarei alguns aspectos interessantes da cunhagem de moedas de apenas um dentre

(*) Revisão da tradução e edição, Lilian de Angelo Laky.

(**) Professor emérito da Universidade de Edimburgo, Escócia. Escola de História, Clássicos e Arqueologia. <keith.rutter@ed.ac.uk>

(1) Todas as datas neste texto são a.C.



Mapa. As cidades gregas da Sicília e da Magna Grécia (Florenzano 1986: s/pág.).

estes povos não gregos, os elimios de Segesta no noroeste da Sicília, procurando entender de que forma os segestanos adotaram e adaptaram a cunhagem de moedas às suas necessidades.

1. Os gravadores-assinantes de cunhos na Sicília

O nosso primeiro tópico relaciona-se, portanto, com os gravadores de cunhos monetários. Na cunhagem grega em geral podemos muitas vezes identificar e comparar os estilos de diferentes gravadores de cunhos, os quais normalmente não assinavam o seu trabalho e, por esse motivo,

os seus nomes, na maior parte das vezes, não são desconhecidos. Pelo fato de as assinaturas de gravadores de cunhos serem normalmente tão raras em moedas gregas, é ainda mais notável que na Sicília encontremos numerosos exemplos de tais assinaturas. Contudo, estas assinaturas não aparecem em todos os períodos de cunhagem, mas se concentram em um período limitado entre c.413 até ao começo do século IV (Rutter 2009). Na sequência seguem alguns exemplos de assinaturas de gravadores de cunhos monetários provenientes de Siracusa, Catânia e Agrigento (Figs. 1-7).

Primeiramente, uma questão fundamental: em nenhuma moeda siceliota encontramos um



Fig. 1. Siracusa, c.410 a.C., tetradracma de prata. Anv. Quadriga à d. com Vitória alada à e.; EYAIN/ETO. Rev. Cabeça de Aretusa com golfinhos; assinatura de EVME-NO-Y; ΣΥΡΑΚΟΣΙΩΝ. Cahn et alii, 1988: fig.459.



Fig. 2. Siracusa, c.415 a.C., tetradracma de prata. Anv. Quadriga à e. e Vitória alada à d. Rev. Cabeça de Aretusa à e. com golfinhos; assinatura de ΣΟΞΙ/ΩΝ ΣΥΡΑΚΟ-ΣΙΩΝ. Cahn et alii, 1988: fig.455.



Fig. 3. Siracusa, c.405 a.C., tetradracma de prata. Anv. Quadriga à e. e Vitória alada à d. Rev. Cabeça de Atena com elmo; assinatura de EY-KΛEΙΔ/A; [Σ]YPAK-[OΣI]-ΩN. Cahn et alii, 1988: fig.464.



Fig. 4. Siracusa, c.400 a.C., didracma de prata. Anv. Quadriga à e. e Vitória alada à d.; KII NON. Rev. Cabeça de Aretusa à e. com golfinhos; assinatura de KIMON; ΣΥΡΑΚΟΣΙΩΝ. Cahn et alii, 1988: fig.479.



Fig. 5. Siracusa, c.405 a.C., tetradracma de prata. Anv. Cabeça de Aretusa à e. com golfinhos; assinatura de ΦΡΙ; ΣΥΡΑΚΟΣΙΩΝ. Rev. Quadriga à e. Cahn et alii, 1988: fig.461.



Fig. 6. Agrigento, c.413-406 a.C., tetradracma de prata. Anv. Quadriga à d. Rev. Águia à e. segurando lebre; assinatura de ΠΟΛΥ; ΑΚΡΑΓ-ΑΝΤΙΝΟΝ. Cahn et alii, 1988: fig.260.

verbo definitivo como *εποίησε* (“fez”) como às vezes encontramos em esculturas ou em vasos pintados gregos. E assim, como podemos deduzir que estes nomes são as assinaturas de gravadores e não, por exemplo, de um funcionário ligado à emissão de moeda ou ainda de magistrados municipais? A principal constatação é que a maior parte das assinaturas são pequeníssimas e discretas, quase escondidas e certamente essa não seria a maneira mais adequada de tratar o nome de um magistrado. Outro ponto a se considerar é que enquanto alguns nomes aparecem somente em moedas de uma cidade, outros nomes ocorrem em várias delas: Euainetos aparece nas moedas de Siracusa, Camarina, Catânia, e Prokles assina cunhos em Catânia e Naxos. Tais evidências parecem anular a idéia de que poderiam ser as assinaturas de magistrados e por isso deduzimos que estes sejam os nomes de gravadores (Kraay 1976: 221).

A segunda questão é: por que os gravadores assinaram o seu nome tão profusamente entre o fim do século V e começo do IV? Neste caso, é muito mais difícil dar uma resposta definitiva. De fato, há uma variedade de respostas ou explicações e podemos começar, por exemplo, com a idéia de que esta explosão de assinaturas, e o orgulho que parecem indicar, foi uma resposta às circunstâncias históricas do momento. Os gravadores de cunhos trabalharam em sua maior parte para Siracusa nos anos imediatamente após a defesa bem sucedida desta cidade contra uma invasão poderosa dos



Fig. 7. Catânia, c.410 a.C., tetradracma de prata. Anv. Cabeça laureada de Apolo; assinatura de ΗΡΑΚΛΕΙΔΑΣ. Rev. Quadriga à e. Cahn et alii, 1988: fig.338.

atenienses. O resultado foi brilhantemente resumido pelo historiador Tucídides (7.87.5): para os vencedores um esplendor, para os derrotados um desastre. Houve certamente razões para celebrar com exuberância artística após o acontecimento em 413. No entanto, pouco depois, esse triunfalismo foi totalmente obscurecido por acontecimentos desastrosos tanto para Siracusa como para toda a Sicília. É inquestionável que os siracusanos e os seus aliados tenham triunfado sobre os atenienses, mas, anos mais tarde, primeiro em 409 e depois em 406, os cartagineses do norte da África atacaram e saquearam muitas das cidades gregas na Sicília ocidental. Em Siracusa a pressão destes acontecimentos em 405 levou à tomada de poder do tirano Dionísio I. Esse contexto político na Sicília do período leva-nos a um paradoxo: as obras-primas de habilidade e perfeição foram, na sua maioria, criadas em um pano de fundo de desastre político e militar. Mas por outro lado, foi precisamente a natureza crítica das batalhas entre gregos e cartagineses que parece ter estimulado os gravadores gregos a produzir os seus melhores trabalhos. Mas não é suficiente tentar explicar esta fase extremamente criativa na arte numismática apenas por circunstâncias políticas externas, e seria importante considerar brevemente como outras forças ajudam a incentivar tal criatividade.

Para que tal criatividade tivesse surgido e se desenvolvido foi necessária a existência de

uma comunidade de artífices e uma tradição existente na Sicília.² Desde o início da cunhagem na ilha houve uma tradição e excelência na gravação por cunhos e a competição em vários níveis deve ter sido uma parte inevitável de tal tradição artística tão vibrante. Do ponto de vista dos gravadores, um poderia tentar ultrapassar o outro na elaboração de uma imagem ou na resolução de problemas no desenho de um tema complexo, como uma quadriga envolvida numa corrida (Fischer-Bossert 1998). Às vezes, na Sicília, tem-se a impressão de que alguns gravadores não só competiam entre si, mas também consigo próprios. Por exemplo, um anverso de tetradracma assinado por Euainetos em Catânia mostra um momento preciso na corrida quando o cocheiro tenta virar os cavalos em volta do poste que marcava a virada nos estádios de corridas de carros (Fig. 8): verdadeiramente um *tour de force*.

Mas a competição não ocorria apenas entre os artífices. Um tipo de *peer polity interaction* coloria as relações entre as cidades que os empregavam (Renfrew 1986). Nessa perspectiva, devemos pensar também na atitude daqueles que contratavam os gravadores, orgulhosos de encomendarem o trabalho de um gravador mestre famoso para a cunhagem da sua cidade. Além disso, podemos também sugerir que na Sicília deste tempo, na última década do século V, tivesse existido igualmente uma rivalidade consciente com a recentemente derrotada Atenas – cidade importante e dona de uma vasta cunhagem, mas monótona e repetitiva que sempre escolheu representar a sua deusa principal no anverso e a coruja no reverso (Fig. 9). Tucídides na sua *História* caracterizou frequentemente a luta entre Siracusa e Atenas como um *ágôn* ou

(2) Sobre as forças que encorajavam e sustentavam a criatividade artística no mundo antigo, cf. Burford (1972: 82-7): 'Training and tradition'; Sauer (2004: 35): 'And creative phases in literature cannot be understood...in isolation from similar developments in art and architecture as the underlying driving forces (namely sponsorship, competition, and exposure and openness to a wide range of influences) were often the same'.



Fig. 8. Catânia, c.410-403 a.C. Kraay, 1966: fig.42 O, pr.14.



Fig. 9. Atenas, c.440-430 a.C. Kraay, 1966: fig.363, pr.119.

um *agonisma*, portanto, uma “competição”. Os siracusanos, diz Tucídides (7.56.2-4), descobriram que seriam venerados como os responsáveis pela derrota dos atenienses e seriam grandemente admirados por essa proeza, tanto entre as gerações contemporâneas como entre as futuras. A previsão confiante siracusana sobre a sua fama futura foi concretizada ao menos no que diz respeito à sua cunhagem.

Podemos ainda nos perguntar se os artistas que assinaram estas lindas moedas siceliotas foram influenciados não só por fatores internos à Sicília, mas também se foram expostos a influências culturais e artísticas exteriores, talvez até vindas de Atenas. Lembremos neste contexto a história de como alguns dos prisioneiros atenienses em Siracusa conseguiram a sua liberdade por terem podido recitar de memória as tragédias de Eurípides (Plut., *Nic.* 29.2-4). Mais plausivelmente, sabemos que oficinas para produção de vasos de figuras vermelhas no modelo ateniense foram estabelecidas na Itália do sul a partir de 430 e na Sicília a partir do tempo da grande armada ateniense (Trendall 1989: 17-30). É

possível que estes desenvolvimentos tenham sido ajudados pela migração de oleiros atenienses. Mas seria possível detectar influência ateniense no trabalho dos gravadores assinantes da Sicília? Os artistas atenienses teriam mesmo sido os responsáveis pela gravação dos cunhos? Em relação à primeira questão, Cornelius Vermeule (1955) demonstrou a relação próxima entre grupos de quadrigas representados na escultura ateniense e em moedas siceliotas. Numa famosa escultura de origem ou inspiração ática, atualmente no Museu Arqueológico de Istanbul, os cavalos são mostrados em alto-relevo com escorço e perspectiva. Vermeule cita o famoso anverso do decadracma de Agrigento como uma tentativa comparável em que o gravador quis representar o grupo de quadrigas em espaço de relevo (Fig. 10). Assim, a questão permanece em aberto se Euainetos, Kimon, Eukleidas ou alguns dos outros gravadores eram artistas siceliotas locais ou atenienses que emigraram.

2. Os tipos monetários da Sicília: expressões de identidade póliade, siceliotas e grega

Para o meu segundo tópico sobre a moeda como documento da história social antiga, focalizarei alguns aspectos dos desenhos escolhidos para serem gravados nas moedas das cidades gregas. Foi dito que os tipos das moedas gregas não se poderiam deixar de expressar a identidade da pólis: podemos aceitar que o que é mostrado nas moedas nos propicia bastante informação sobre os valores, interesses e aspirações das co-



Fig. 10. Agrigento, c.412-411 a.C.
Kraay, 1966: fig.179, pr.62.

munidades que as emitiram (Martin 1985: 281). Os tipos monetários das cidades siceliotas oferecem informação especialmente rica e variada sobre estes aspectos e gostaria de salientar dois pontos contrastantes: o desejo das populações gregas na ilha de preservar ligações com a sua terra natal na Grécia Balcânica e o seu orgulho, e até o gosto, pela região onde tinham vindo se instalar (Rutter 2000).

Então, vejamos como o desejo de manter uma ligação com a velha Grécia aparece retratado nas moedas. No reverso de um tetradracma de Himera, a ninfa Himera (a personificação da cidade) está de pé, sozinha e vestida com um elaborado manto pregueado; e no anverso da moeda um condutor dirige uma biga de corrida com dois cavalos (Fig. 11). O nome Pelops está inscrito com destaque em cima. E desta vez não se trata do nome de um artista ou de um magistrado, mas de um nome que identifica o condutor mostrado na moeda: Pélope, o herói que ganhou Hipodâmia como noiva depois de matar o pai dela numa corrida de quadrigas em Olímpia no Peloponeso. Esta imagem na moeda de Himera parece celebrar uma vitória ou vitórias olímpicas de Ergóteles, um cidadão de Himera, nas corridas do *stádion* nos jogos de Olímpia em 472 e 464. Assim, este é um exemplo do desejo de comemorar uma ligação com o mundo helênico como um todo, portanto em esfera pan-helênica.

Outro exemplo sobre esta temática vem de uma moeda de Régio. Por volta de 494, um indivíduo chamado Anaxilas estabeleceu-se como o único governante de Régio (atual cidade de Reggio Calabria) na Itália do Sul, localizada no continente do outro lado do Estreito de Messina. A partir de c. 488, Anaxilas contro-



Fig. 11. Himera, c.460-450 a.C. Kraay, 1966: fig.67, pr.21.

lou também Zancle, situada no lado siceliota do Estreito, e mudou o nome desta cidade para Messana. Pouco depois de 480, Anaxilas introduziu tanto em Messana como em Régio uma cunhagem com o tipo, no anverso, de um carro puxado por mulas (Fig. 12). Esta moeda dá-nos o único indício de uma razão pessoal para a escolha de um tipo monetário em moeda na Sicília antes do reino de Agátocles, nos anos finais do século IV. Provavelmente, Anaxilas quis comemorar sua vitória numa corrida de carros puxados por mulas em Olímpia ocorrida em 480. Ao mesmo tempo em que celebrou na moeda a ligação com Olímpia teve em mente uma reivindicação pessoal ao valorizar a sua posição entre os seus compatriotas gregos na Sicília.

Ainda outro exemplo pode mostrar uma motivação dupla – a ligação com a terra natal e a reivindicação da identidade siceliota. Trata-se de um tipo monetário de Siracusa que oferece informação desta vez sobre a topografia da cidade. Em Siracusa, após um período inicial de experimentação, o desenho padrão de cunhagem de tetradracmas depois de 485, era, no anverso, uma quadriga de corrida e, no reverso, golfinhos do Grande Porto de Siracusa, associados à bela cabeça de Aretusa, a ninfa que dava o nome à famosa fonte de água doce localizada ao lado da água salgada do mar (Fig. 13). O fenômeno de uma fonte de água doce numa ilha, Ortígia, e em posição tão perto do mar tinha uma explicação mitológica. A história chegou-nos em várias versões diferentes, mas, em qualquer uma delas, a ligação física com o Peloponeso é o fato principal: a ninfa Aretusa um dia desejou banhar-se nas águas do Rio



Fig. 12. Messana, c.480-460 a.C. Kraay, 1966: fig.51 O, pr.16.



Fig. 13. Siracusa, c.500-490 a.C. Kraay, 1966: fig.75 R, pr.24.

Alfeu no Peloponeso. Alfeu, por sua vez, por ela se apaixonou indo ao seu encaço até Siracusa onde Aretusa brota ao lado do mar. Esta fonte de água doce era também uma característica especial da topografia de Siracusa e como tal foi celebrada não só nas moedas como também na poesia. É precisamente este elemento da topografia siracusana que o poeta lírico Píndaro salienta em várias das suas odes compostas para os vencedores siracusanos nos grandes jogos pan-helênicos (*Nem.*1, 1sg.; *Pit.* 2, 6-7; *Ol.* 6, 92). Nesse sentido, o tipo monetário siracusano de Aretusa retrata a necessidade de ligar Siracusa ao Peloponeso e também de celebrar uma característica especial da topografia local.

Este interesse pela topografia local é uma forte característica dos tipos das moedas siceliotas e parece ter se desenvolvido muito mais ali do que em outras partes do mundo grego, muito mais do que nas cidades gregas situadas na vizinha Itália do Sul. Como no caso de Siracusa, outras cidades gregas da Sicília cunharam moedas com imagens monetárias que representam narrativas míticas descritas nas fontes literárias.

No anverso de uma das moedas de Agrigento, a águia representa o deus Zeus. Mas o que significa o caranguejo retratado no reverso? O caranguejo no reverso é um elemento constante na tipologia de Agrigento desde o começo da sua cunhagem por volta de 510 e até o seu fim em 406, quando a cidade foi saqueada pelos cartagineses (Fig. 14). Tal continuidade salienta a importância do caranguejo como expressão da identidade da cidade. Este caranguejo de Agrigento é uma variedade de água doce e simboliza o rio do mesmo nome em cujas margens a cidade de Agrigento foi estabelecida.



Fig. 14. Agrigento, c.460-420 a.C.
Kraay, 1966: fig.170, pr.59.

Ora, quando Píndaro escreveu odes celebrando as proezas e as qualidades dos vencedores de Agrigento nos jogos de Delfos e de Olímpia, qual característica da cidade natal dos vencedores o poeta escolheu para ser mencionada? Foi precisamente o rio (*Pit.* 6, 6; 12, 2-3).

Voltamos outra vez a Himera para outro ponto sobre a valorização da topografia local. O tipo monetário pertence a uma série introduzida na década de 450 e que durou até a captura da cidade pelos cartagineses em 408 (Fig. 15). No reverso a ninfa Himera realiza um sacrifício enquanto que, à direita, uma bica de água com a forma de uma cabeça de leão fornece o meio para um sátiro tomar banho. Em Himera ele teria o privilégio de poder banhar-se em água quente, pois desde essa época a cidade é famosa por suas fontes de água quente. A origem destas fontes em Himera é explicada pelo mito de que foram criadas para refrescar Hércules quando viajava pela região. Estas fontes também são mencionadas na 12ª *Ode Olímpica* de Píndaro composta em honra de Ergóteles a respeito do qual já falamos. Pelas suas vitórias, diz Píndaro, Ergóteles *exalta/enobrece os lugares de banhos quentes das Ninfas* (*Ol.*12, 17-19).



Fig. 15. Himera, c.440-430 a.C.
Kraay, 1966: fig.68 R, pr.21.

Para os gregos da Sicília, a ilha era o seu novo *oikos*, o seu novo lar e para este novo lar o siceliotas construíram uma identidade muitas vezes representada por meio de um novo simbolismo. Já vimos alguns exemplos e vou aqui mencionar mais um, proveniente do anverso de uma das primeiras moedas de Zancle (Fig. 16). Na moeda, a característica topográfica escolhida é o porto de Zancle, que tem uma forma circular muito especial. Uma passagem de Tucídides (6.4.5) recorda que Zancle herdou o seu nome dos nativos sículos, *porque o lugar tem a forma de uma foice*: *zanklon* na língua dos sículos significa foice. Mais uma vez, dispomos de uma narrativa de um autor da Grécia Balcânica para confirmar o significado de um elemento topográfico local em uma imagem monetária da Sicília. Mas se aprofundarmos um pouco mais encontraremos certa complexidade na mensagem: os recém-chegados gregos procuraram se estabelecer firmemente no seu novo meio e o nome que eles deram ao novo assentamento é um nome indígena. Assim, no costume eminentemente grego de bater moedas marca-se a interação com a população indígena local.



Fig. 16. Zancle, c. 510 a.C. Kraay, 1966: fig.48 O, pr.16.

Com estes exemplos começamos a explorar as maneiras como os tipos monetários de cidades gregas na Sicília refletem o sentido de identidade daqueles que as emitiram. É evidente que estes tipos compartilham, com as moedas de outras áreas do mundo grego, um interesse pelos elementos de helenidade tão bem resumidos por Heródoto (9.144.2): uma língua e uma religião comuns. Mas mais do que em qualquer outra área da cunhagem grega, os tipos siceliotas revelam a importância da noção de lugar para a definição da identidade do grupo. Esta é, assim, uma característica distintiva de helenismo na Sicília.

3. A iconografia e a epigrafia das moedas de Segesta: expressões da interação entre gregos e elímios

Na terceira e última parte deste artigo, quero brevemente desviar a nossa atenção dos gregos em direção a outros habitantes do lado ocidental da ilha, onde me concentrarei nos elímios e numa das suas cidades, Segesta, que é bem conhecida tanto pela sua paisagem como pelo seu espectacular templo deixado inacabado nos fins do século V.

Por volta do século VIII pelo menos, Segesta era habitada por um povo com cultos, tradições artísticas e uma língua bastante diferente dos demais povos da Sicília. Nas nossas fontes literárias gregas, a versão dominante da história dos elímios começa com Tucídides nos anos finais do século V: na versão do historiador ateniense os elímios eram refugiados de Tróia (6.2.3). Escritores posteriores aproveitaram esta narrativa e contaram, em particular, sobre uma mulher troiana chamada Aigeste, que foi mandada para a Sicília pelo pai ou para lá banida pelo seu rei Laomedonte. Após ser seduzida pelo deus fluvial Krimisos, que lhe teria aparecido ali na forma de um cão de caça, Aigeste deu à luz a um caçador formidável que fundou três cidades: Segesta, Érice e Entella. Segundo o meu colega Andrew Erskine tais histórias de perambulação pelo Mediterrâneo são fruto de uma visão helenocêntrica do mundo. Elas fazem parte do envolvimento dos

gregos com o mundo não grego que os circundava e são tentativas de compreender e tornar seguro um ambiente potencialmente ameaçador e estranho (Erskine 2001: 133). No caso dos segestanos, o seu ancestral troiano ajudou-os a unir o golfo entre gregos e não gregos, ligando a população nativa ao mundo grego e dando a ambos um passado heróico (Erskine 2001: 137).

Contudo, como Erskine também comentou, estes mitos não eram propriedade só dos gregos, pois muitos dos povos indígenas da Sicília parecem ter aceitado e adaptado as origens míticas que lhes foram dadas pelos gregos (Erskine 2001: 142). A cunhagem de Segesta, que começou por volta de 470 e continuou até ao começo do século IV, abre muitas perspectivas novas nessa área (Hurter 2008). Assim, cabem duas questões: como é que os habitantes desta misteriosa cidade viam a si próprios? Que tipo de relação tinham com os seus vizinhos? Terminarei esse artigo discutindo apenas alguns dos fatos fascinantes da cultura de Segesta que podem ser inferidos a partir das moedas.

Como mencionei, os segestanos começaram a emitir moeda por volta de 470 e durante todo o período de cunhagem o valor principal das suas moedas era um didracma de prata, portanto, uma peça de dois dracmas cunhado no padrão de peso ático-eubóico que pesa cerca de 8.7g (Fig. 17). Durante algum tempo, antes de Segesta começar a cunhar as suas próprias moedas, didracmas neste padrão eram cunhados por três cidades gregas na costa sudoeste da Sicília – Selinunte, Agrigento e Gela – e nesta perspectiva a cunhagem de Segesta encaixava-se na *koiné* monetária grega do sudoeste da Sicília. No entanto, em c. 470 quando Segesta começava a emitir didracmas, as outras cidades diminuíam a produção de didracmas e em seguida interoperaram esta produção completamente a favor de uma moeda maior, o tetradracma, ou peça de quatro dracmas. Por essa razão, Segesta ficou por muitos anos como único fornecedor de didracmas na Sicília ocidental.

Se por um lado em relação aos padrões de peso, os segestanos encaixam-se nos modelos gregos de cunhagem monetária, por outro, contudo, os elementos iconográficos



Fig. 17. Segesta, c.460 a.C. Kraay, 1966: fig.199, pr.70.

e as inscrições de suas moedas dão-nos uma perspectiva diferente. E assim, acerca dos tipos monetários o que significam a imagem de um cão de caça no anverso e da cabeça de uma mulher no reverso? À luz das referências literárias sobre as origens de Segesta que salientei há pouco, o cão deve representar o deus fluvial Krimisos. Ora, vários deuses fluviais são mostrados na sua forma animal em moedas, tanto da Sicília como da Itália do Sul, mas o animal escolhido para simbolizar os vários rios é, em outros locais, sempre um touro às vezes retratado com cara ou cabeça de homem, como no caso do tipo do reverso de Gela (Fig. 18). Nesse sentido, não há nenhum precursor ou paralelo na cunhagem da Sicília de um cão de caça como símbolo de um rio exceto nas moedas produzidas em Segesta. Trata-se, assim, de uma criação própria dos segestanos, que foi baseada nas tradições da sua própria cidade.

A cabeça de mulher no reverso da moeda de Segesta, portanto, deve ser a da 'troiana' Aigeste, cônjuge do rio Krimisos. Nessa perspectiva, o anverso e o reverso representam respectivamente o pai e a mãe do herói Aigestes. Ao contrário do cão de caça no anverso, a representação numa moeda da cabeça de uma divindade local é um conceito familiar tanto na Sicília como na Itália do sul. Talvez o exemplo mais bem conhecido seja o da cabeça de Aretusa, nas moedas de Siracusa à qual já me referi acima.

Para finalizar, dirijo agora a minha atenção para alguns aspectos da epigrafia e da linguagem mostradas nestes didracmas de Segesta. A legenda mais comum, SEGESTAZIB, que aparece primeiro no anverso das moedas desta cidade e mais tarde no reverso e às vezes ainda em ambos os lados de cada peça, levanta problemas (Fig.

19). As letras são gregas, mas a forma Segestazib é elímia. O significado da terminação ZIB tem sido bastante debatido. À luz de outra inscrição, SEGESTAZIBEMI, que é encontrada em apenas três cunhos nos anos finais de 460, a terminação -ZIB parece indicar posse: 'Eu sou de Segesta' (eimi em grego significa "eu sou") (Fig. 20). Quando analisamos outras cunhagens do mundo grego afora, nos damos conta que o caso normal para expressar a autoridade de quem bate um numerário era sempre o genitivo que indica pertencimento: "dos siracusanos", por exemplo.



Fig. 18. Gela, c.410 a.C. Kraay, 1966: fig.163, pr.57.



Fig. 19. Segesta, c. 470-450 a.C., didracma de prata. Anv. Cão à d.; ΣΓΕΣΤΑΖΙΒ. Rev. Cabeça da ninfa Aigeste à d. Cahn et alli, 1988: fig.398.



Fig. 20. Segesta, c. 470 a.C., didracma de prata. Anv. Cão; Rev. Cabeça da ninfa Aigeste à d.; ΣΓΕΣΤΑΖΙΒΕΜΙ. Kraay, 1976: Fig.847.

Considerações finais

Em resumo, esta breve discussão sobre Segesta nos permite afirmar que as imagens representadas em suas moedas eram gregas no que se refere à técnica e ao padrão de peso, tinham uma iconografia que também era grega no modo e na execução, mas a identidade que esses elementos gregos expressam é uma identidade segestana. As inscrições ilustram uma identidade

de igualmente misturada: as letras são gregas, mas a forma é elímia.

Assim, com esta discussão encerro o meu texto. Neste artigo espero ter podido mostrar algumas das maneiras como as moedas podem lançar luz sobre a história dos gregos e de seus vizinhos na Sicília. Espero que concordem que, embora os tipos nas moedas sejam lindíssimos, a lição mais importante a tirar é que eles são um recurso inesgotável para a criação da história.

RUTTER, N.K. The Greeks in Sicily – The Numismatics and History. *R. Museu Arq. Etn.*, São Paulo, n. 21, p. 345-356, 2011.

Abstract: This article aims to present the potential of the monetary evidences for the study of the history of the Greeks in Sicily. From the analysis of the epigraphy and iconography on coins minted by the poleis in classical period will be discussed how in Siceliot context the Greek coin was used as a support and vehicle for artistic competition, as will be shown with the case of engravers subscribers of dies – a local phenomenon –, and for expression of Polis, Siceliot and Greek identities. The interaction between Greeks and non-greeks (elymians) in the island will be also addressed from the case of monetary types of Segesta.

Keywords: Sicily – Epigraphy – Monetary iconography.

Referências bibliográficas

- BURFORD, A.
1972 *Craftsmen in Greek and Roman Society*. Londres: Thames and Hudson.
- CAHN, H.A.; MILDENBERG, L.; RUSSO, R.; VOEGTLI, H.
1988 *Antikemuseum Basel und Sammlung Ludwig. Griechische Münzen aus Grossgriechenland und Sizilien*. Basel: Gissler Druck.
- ERSKINE, A.
2001 *Troy between Greece and Rome: Local Tradition and Imperial Power*. Oxford: Oxford University Press.
- FISCHER-BOSSERT, W.
1998 Nachahmungen und Umbildungen in der sizilischen Münzprägung. *Schweizerische Numismatische Rundschau*, 77: 25-34.
- FLORENZANO, M.B.B.
1986 Cunhagens e circulação monetária na Magna Grécia e Sicília durante a expedição de Pirro (280-272 a.C.). Tese de doutorado. São Paulo: FFLCH-USP.
- HURTER, S.
2008 *Die Didrachmenprägung von Segesta*. Berna: Schweizerische Numismatische Gesellschaft.
- KRAAY, C.M.
1966 *Greek Coins*. Londres: Thames and Hudson.
1976 *Archaic and Classical Greek Coins*. Londres: Methuen.
- MARTIN, T.R.
1985 *Sovereignty and Coinage in Classical Greece*. N. Jersey: Princeton University Press.
- RENFREW, C.
1986 Introduction: Peer Polity Interaction and Socio-political Changes. In: Renfrew, C.; Cherry, J. (Eds.) *Peer Polity Interaction and*

- Socio-political Changes. Cambridge: Cambridge University Press: 1-18.
- RUTTER, N.K.
2000 Coin types and identity: Greek cities in Sicily. In: Smith, C.J.; Serrati, J. (Eds.) *Sicily from Aeneas to Augustus: New Approaches in Archaeology and History*. Edimburgo, Edinburgh University Press: 73-83.
2009 Dating the period of the “Signing Artists” of Sicilian coinage. In: Counts, D.B.; Tuck, A.S. (Eds.) *Koine. Mediterranean Studies in Honor of R. Ross Holloway*. Joukowsky Institute Publication 1. Oxford; Oakville, Oxbow Books: 125-130.
- SMITH, C.J.; SERRATI, J. (Eds.)
2000 *Sicily from Aeneas to Augustus: New Approaches in Archaeology and History*. Edimburgo: Edinburgh University Press.
- TRENDALL, A.D.
1989 *Red Figure Vases of South Italy and Sicily: A Handbook*. Londres: Thames and Hudson.
- VERMEULE, C.C.
1955 Chariot groups in fifth-century Greek sculpture. *JHS*, 75: 104-113.

Recebido para publicação em 10 de outubro de 2011.